

A Sul, pouco de novo  
Tobias Schumacher

Se o ano de 2006, marcado pela violenta luta pelo poder entre o Hamas e a Fatah na Palestina, pela guerra entre Israel e o Hezbollah e pelo aumento da instabilidade no Iraque, foi um ano muito difícil no Sul do Mediterrâneo e no Médio Oriente, 2007 não promete ser muito melhor. À excepção de algumas reformas relevantes e mesmo com impacto alargado em Marrocos, é muito provável que a região entre Tetuão, no Ocidente, e Tartus, no Oriente, seja marcada pelo domínio autoritário, má governação e violações dos direitos humanos.

Mas, pelo menos em algumas zonas do Sul do Mediterrâneo, existem alguns sinais promissores que indicam que a sociedade civil está finalmente a acordar e a exigir uma maior participação política em todos os sectores da vida pública. A liderar esta tendência estão movimentos islâmicos que não só têm muito apoio público pelo papel que desempenham em termos de assistência social como apresentam vias alternativas de desenvolvimento político, baseadas na Sharia.

Até há pouco tempo, e com grande influência da sangrenta guerra civil na Argélia, as sociedades ocidentais tenderam a ostracizar e estigmatizar estes movimentos, sem sequer terem analisado a sua ideologia e, o que ainda é mais importante, as suas acções no terreno. O ano de 2006 ficou marcado por um processo gradual de re-análise por parte dos actores ocidentais e internacionais, como a União Europeia e os EUA, que começaram progressivamente a abordar os actores políticos islâmicos não violentos, de forma a procurar encontrar pontos de contacto.

É óbvio, pelo menos nesta altura, que estes movimentos são a única alternativa a uma classe (envelhecida) de governantes autoritários, pelo que é imperativo para qualquer actor externo que aspire a apoiar a emergente sociedade civil no Sul do Mediterrâneo e no Médio Oriente deixar de os ignorar e construir canais de comunicação sustentáveis, para que seja possível separar os que são democráticos dos que não o são. Este desenvolvimento, porém, é algo que demora o seu tempo, pois a construção da confiança é um processo gradual e bastante moroso.

É certo que, mais cedo ou mais tarde, os regimes autoritários terão de ajustar as suas estratégias para lidar com a crescente oposição interna. Não podem simplesmente ficar parados a ver o seu crescimento e o aumento da sua popularidade, tanto interna como externamente. No entanto, as suas estratégias têm-se caracterizado ou pela inserção controlada na cena política, como em Marrocos ou na Jordânia, ou pela repressão, como na Tunísia, na Síria ou na Arábia Saudita.

Uma vez que os regimes estão fortemente agarrados ao poder e enquanto continuarem a ser vistos pelo Ocidente como parceiros empenhados e de confiança na luta contra o terrorismo, é muito provável que essas estratégias continuem durante 2007 e que as sociedades do Sul do Mediterrâneo e do Médio Oriente continuem a ser traídas pelos seus líderes.